

Cotações do DFA ficam estáveis em 30 centavos; Projeto 4 valoriza-se

por Adriana Salles Gomes
de São Paulo

Um feriado esvaziou o mercado secundário da dívida, ontem, em Nova York. Praticamente não houve negócios e as cotações dos títulos brasileiros mantiveram-se nos patamares de sexta-feira — aliás, do último dia 12. A forte demanda arrefeceu na semana passada porque, segundo um operador, há limites para a compra de "ativos que, em carteira, não rendem nada". Ele refere-se ao fato de o Brasil não pagar os juros e lembra que, no começo de março, vence mais uma parcela que não será quitada pelo País.

Os limites são, talvez, a valorização de 33% que o título da dívida vencida — o Deposit Facility Agreement (DFA) — registrou desde o início do ano até meados de fevereiro e a duplicação do volume de transações. Mas é fato que algumas das grandes operações recentemente aprovadas pelo Banco Central (BC) — como a que envolveu um banco brasileiro e um americano numa troca de dívida por exportação — já terminaram e não foi liberada uma nova operação de grande porte. Além disso, o mercado já absorveu o impacto, que houve na semana passada, com a formalização do Banco Central de sua disposição de aceitar o pagamento de débitos que estão vencendo com papéis comprados no exterior, os DFA e os Multi-Year Deposit Facility Agreement (MYDFA).

Ontem, o DFA estava cotado a 30 centavos de dólar para compra e 30,50 para venda, segundo o NMB Bank, que é o mesmo nível de sexta-feira, de acordo com o Chartered West LB (o Standard Chartered Merchant Bank trocou de nome depois que o banco alemão West LB adquiriu 50% de seu capital). Comprar dívida vencida do Brasil implica investir nas empresas brasileiras, e os investidores desse mercado não querem fazer isso antes da posse do governo Collor, explicou um operador.

A maior variação de preço foi apresentada pelos títulos do Projeto 4, de crédito interbancário de curto prazo, que continuam ren-

dendo juros. Eram cotados a 79,50 centavos de dólar para compra e a 80 para venda, mais próximos do Projeto 3 (crédito comercial de curto prazo), que custava 80 centavos na compra e 80,50 na venda, segundo o NMB Bank, e 81 e 81,50, de acordo com o Chartered West LB. No dia 12 de fevereiro, a diferença entre ambos era maior: o Projeto 4 saía por 77,25 centavos na venda e o Projeto 3, por 80. Os operadores não souberam explicar a alta.

Também não houve alteração no preço dos títulos da Resolução 63, que envolve empréstimos a bancos brasileiros para repasse. Um banco brasileiro comprou US\$ 1 milhão em títulos da Resolução 63, a 51 centavos cada, para uma conversão informal de dívida, apesar da alta do dólar no mercado paralelo. Essa era a cotação de uma semana atrás, de acordo com o Chartered West LB. Segundo o NMB Bank, entretanto, a Resolução 63 custava 41 centavos na compra e 43 na venda, ontem e no dia 12.

Exit-bonds e New-Money bonds também ficaram estáveis. Os primeiros fecharam em 34,25 centavos para compra e 34,75 para venda, segundo o NMB Bank, e 34 e 34,50, respectivamente, de acordo com o Chartered. Os new-money bonds permaneceram nos 59,50 centavos para compra e 60,00 para venda.

Na sexta-feira, o par-bond mexicano estava cotado a 40 centavos de dólar na compra e 40,50 na venda, apresentando uma pequena retração em relação à segunda-feira passada, quando valiam entre 40,50 e 41 centavos na compra e entre 41 e 41,75 na venda. O principal título chileno ficou em 63,50 na compra e 64 na venda, com uma leve recuperação sobre a semana passada; e o título argentino GRA custava 9 centavos na compra e 9,75 na venda.

O título venezuelano tinha cotação de 35,88 centavos de dólar para compra e 36,38 para venda. A Venezuela anunciou, ontem, um leilão para a conversão de dívida externa em investimentos no próximo dia 8 de março, com um teto de US\$ 80 milhões e um deságio mínimo de 35%.